

Não Sou Nada (2023): Uma análise das representações mediáticas

[*Não Sou Nada* (2023):
An analysis of media representations]

Teresa Lima*

Palavras-chave

Edgar Pêra, *Não Sou Nada – The Nothingness Club*, Média, Cinema, Crítica de filmes.

Resumo

A atual pesquisa centrou-se na recolha de notícias nacionais e internacionais relacionadas com o filme *Não Sou Nada – The Nothingness Club*, do realizador português Edgar Pêra, tendo como limite temporal julho de 2020 e abril de 2024. De acordo com a motivação inicial, procurámos perceber, através do filme, que tipo de representações os média dedicavam a Fernando Pessoa e a Edgar Pêra. Havia, também, interesse em compreender que lugar ocuparia o filme na esfera pública, por via da mediação dos órgãos de comunicação social. A análise posterior dos dados forneceu algumas respostas para as dúvidas estabelecidas e encaminhou-nos para outro tipo de questões, que não havíamos conjeturado inicialmente. Assim, averiguámos que: a maioria da informação noticiosa veiculada em Portugal caracteriza-se pela reprodução acrítica de comunicados de imprensa ou de informação de agências noticiosas. Para lá das evidências enunciadas, nesta recensão, procurámos questionar o papel dos média na construção de novas realidades sócio-culturais.

Keywords

Edgar Pêra, *Não Sou Nada – The Nothingness Club*, Media, Cinema, Film criticism.

Abstract

The current research focused on collating national and international news related to the film *Não Sou Nada – The Nothingness Club*, by Portuguese filmmaker Edgar Pêra, with a time frame from July 2020 to April 2024. According to the initial motivation, we sought to understand, through the film, what kind of representations the media devoted to Fernando Pessoa and Edgar Pêra. There was also an interest in understanding the place the film would occupy in the public sphere, through the mediation of the mass media. The subsequent analysis of the data provided some answers to the questions raised and led us to other kinds of questions that were not initially anticipated. Thus, we have found that the majority of news information disseminated in Portugal is characterized by the uncritical reproduction of press releases or information from news agencies. Beyond the evidence listed, in this review we have tried to question the role of the media in the construction of new socio-cultural realities.

* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.

Percorremos, nesta recensão, as publicações surgidas nos média entre 2020 e 2024, referentes ao filme *Não Sou Nada – The Nothingness Club*, do realizador português Edgar Pêra. O artigo surge da intenção de identificar que tipo de entidades (órgãos de comunicação social, instituições, blogues ou sites culturais) deram cobertura ao filme e a que fontes de informação recorreram para o fazer. Procurámos, em simultâneo, indagar qual o pretexto para a divulgação e a abordagem seguida na mesma. Adicionalmente, o presente artigo tem, ainda, os seguintes objetivos: identificar os principais temas enunciados a propósito de *Não Sou Nada*; apurar se são focadas questões identitárias e quais na crítica ao filme; avaliar como é representado Fernando Pessoa a partir de *Não Sou Nada*; aferir se há comparações entre *The Nothingness Club* e outros filmes do realizador; perceber se as críticas incidem mais nos comentários sobre a técnica cinematográfica ou na estrutura narrativa do filme. Além destes objetivos, também queremos questionar a relação entre a obra de arte e o significado da sua receção junto da esfera pública, tendo como mediação os órgãos de comunicação social.

Começamos por identificar os critérios de recolha. A seleção dos dados partiu de uma pesquisa realizada no Google, entre 2 de novembro e 22 de dezembro de 2023, com as seguintes palavras-chave: *Não Sou Nada filme*; *Não Sou Nada estreia*; *The Nothingness Club*; *Não Sou Nada Edgar Pêra*. Para o efeito desta recensão, foram selecionadas todas as publicações referentes ao filme, provenientes das seguintes fontes: sites culturais, plataformas especializadas em cinema, sites de festivais de cinema, agendas culturais, notícias de rádio, TV, programas de entretenimento, jornais e revistas generalistas, jornais ou outros órgãos locais, blogues. De forma simultânea, foram solicitados ao realizador (assistentes e equipa de produção) os seguintes elementos: dossier de imprensa distribuído aos média ou nos festivais de cinema, dossiers de imprensa dos festivais de cinema ou outros *clippings*, a existir. Para além do limite temporal identificado, foram sendo colhidas, de uma forma avulsa, notícias sobre o filme, tendo a recolha sido concluída em janeiro de 2024. No final, foram registadas 112 entradas, entre 27 de julho de 2020 e 15 de abril de 2024. Com esta delimitação temporal, pretendemos abarcar o primeiro momento em que o filme foi referido nos média (ainda numa fase de pré-rodagem), passando pelo impacto da estreia, o circuito dos festivais de cinema e, por fim, as sessões especiais realizadas um pouco por todo o país. É importante referir que foram excluídos desta amostra os registos que se referiam apenas a uma informação de agenda (cartaz de cinema ou agenda cultural cumprindo somente essa mesma função, por exemplo).

De acordo com os objetivos enunciados anteriormente, procurámos perceber que tipo de fontes noticiavam *Não Sou Nada*, tendo concluído que 40 registos dizem respeito a órgãos de informação no sentido mais tradicional do termo, como jornais (*Público*, *Expresso*, *Observador*), rádios (*Rádio Vizela*, *Antena 3*), televisões (*RTP*, *SIC*, *Santo Tirso TV*). Outros (dez registos), referem-se a publicações especializadas, como a *Sight & Sound*, *Cineuropa*, *C7nema*. Há, paralelamente, menções ao filme em sites

institucionais (Município de Santo Tirso) e até mesmo em contexto de divulgação literária, como a página da internet da *Bertrand*. Quatro publicações destacam o momento preparatório da rodagem do filme. Entre estas, duas referem-se a notícias de origem local (site *Free Pass* [1] e o jornal *Vila Nova* [2]) e outras duas da imprensa especializada (*Cinema7arte* [3] e *Portal Cinema* [4]), com os dois primeiros casos a darem relevância à questão geográfica (um filme sobre Fernando Pessoa rodado em Santo Tirso) e os seguintes enfatizando a adaptação da obra pessoana. O tipo de divulgação selecionada divide-se entre a informação telegráfica (nome do filme, sinopse, realizador, produtor), a notícia, entrevista e a crítica.

Do todo recolhido, 13 publicações têm como pretexto o Festival Internacional de Cinema de Roterdão, na Holanda, onde o filme estreou em janeiro de 2023. Foram, ainda, identificados mais 12 registos relacionados com festivais de cinema, entre os quais, Caminhos do Cinema Português, DocLisboa, Cork Film Fest, Festival de Cinema de Valência, de Moscovo, Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e Festival Internacional de Cinema de Oldemburgo. Há, também, a assinalar 10 entrevistas, a que se juntam 18 críticas e quatro notícias referentes a sessões com o realizador. O momento da estreia condensou o maior volume de notícias, com 22 publicações.

Um olhar transversal a todos os registos selecionados permite traçar os fluxos informativos que rodearam o filme, no corte temporal definido. Há uma primeira fase, relativa à pré-rodagem e rodagem, a que se segue a presença nos Países Baixos, para logo depois quase toda a atividade noticiosa se concentrar na estreia. O principal dado a reter destes movimentos relaciona-se com a origem das notícias. Ou seja, claramente, as oscilações na cobertura mediática refletem estratégias de divulgação, quer da produtora, quer da distribuidora, anunciando o lançamento de um novo filme em preparação, fazendo publicidade da presença em Roterdão ou criando um acontecimento mediático com a estreia.

A estreia – imprensa local e nacional

As notícias relativas à estreia do filme (que foi apresentado a 25 de outubro no DocLisboa e estreou comercialmente a 26 de outubro), estendem-se aos jornais nacionais generalistas (*Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Observador*, *Público*), aos jornais locais (situados em Santo Tirso, Leiria, Caldas da Rainha, Faro, Funchal), passando pelas rádios (*Antena 3*, enquanto rádio promotora do filme), pela televisão (*SIC*, *RTP*) e por sites direcionados para informações de agenda, como *itmustbegood*, *Time Out* ou *Unimado*. Nestas publicações, são facilmente identificados dois textos-tipo: um referindo a estreia do filme nas salas de cinema e outro abarcando os eventos promocionais do mesmo, nomeadamente as sessões com o realizador e o evento que consistiu na circulação de atores representando múltiplos Fernandos Pessoa no Chiado (Figs. 1 e 2). A maioria das notícias consiste numa replicação da

sinopse e *press release* divulgados, pelo que são comuns a quase todos os textos palavras ou frases como “thriller”, “cinenigma”, “cabeça de Pessoa”, “manancial cinematográfico” para descrever o filme. Também surge, com frequência, uma citação de Edgar Pêra (em declarações à *Agência Lusa*), referindo tratar-se do filme em que mais se projetou, assim como a chamada de atenção para o elenco “de luxo”. Os títulos destacam a figura de Fernando Pessoa (o facto de haver um novo filme sobre o escritor), sendo que, assiduamente, Pessoa e Edgar Pêra surgem combinados, chamando-se para o título a autoria do filme, assim como a sua denominação. Em sequência, surgem formulações tais como “Cinema sobre Fernando Pessoa” (*Jornal das Caldas* [5]), “*Não Sou Nada*: já estreou o filme português sobre Fernando Pessoa e os seus heterónimos” (*NIT* [6]), “Edgar Pêra leva-nos a uma visita guiada ao interior da mente de Fernando Pessoa” (*JN* [7]). Também a circulação de inúmeros falsos Fernandos Pessoa pela Baixa (Figs. 3 e 4) induzindo a ideia de heteronímia ou heteronimismo, pareceu cativar os média, que assinalam “Fernando Pessoa passeia pela Baixa de Lisboa no dia de estreia de *Não Sou Nada*” (*Sapo* [8]), sendo a mesma ideia (com o mesmo tipo de alocações), constante da rubrica cultural *Domínio Público* [9], na *Antena 3*.





Figs. 1-4. Múltiplos Fernandos Pessoa na Baixa de Lisboa, out., 2023. Créditos: Ana Soares.

Surgem, igualmente, referências (se bem que menos consistentes e quase nunca na abertura dos textos noticiosos) ao facto da maioria dos diálogos se apoiar em textos do próprio Fernando Pessoa. Excepcionalmente, a *SIC Notícias* publicou, a 13 de junho de 2023, uma notícia, onde essa anotação é destacada logo a abrir o texto [10]. É interessante, além do mais, registar a dimensão local do projeto que, tendo sido filmado numa antiga fábrica em Vila das Aves (Santo Tirso) chegou a suscitar a curiosidade da imprensa e levou a uma maior cobertura, não só em termos de número de notícias, como também na proliferação do tipo de média. Repare-se que a exibição de *Não Sou Nada* no Centro Cultural Municipal de Vila das Aves saiu (com textos muito semelhantes) no jornal *Entre Margens* [11], no *site* oficial da Câmara de Santo Tirso [12] e na *Santo Tirso TV* [13].

Ressalta, desde logo, um tom monocórdico e repetitivo na maioria das publicações, resultado de uma reprodução acrítica de comunicados de agências noticiosas (como a *Lusa*) ou de uma cópia dos comunicados distribuídos. Contudo, as principais ideias subjacentes à promoção de *Não Sou Nada* são, efetivamente, veiculadas, incluindo os conceitos de *thriller*, cinenigma, mente de Pessoa e ainda heteronimismo.

Festivais de cinema

Outro subtipo de cobertura que é incontornável destacar no domínio dos média é o dos festivais de cinema. Neste ponto, há distintos níveis de análise. Um deles advém da própria divulgação que os festivais realizam dos seus eventos e outro da disseminação destas notas na imprensa generalista ou especializada. Alguns meses antes da estreia nas salas comerciais, *The Nothingness Club* apresentou-se no Festival Internacional de Cinema de Roterdão, que decorreu entre 25 de janeiro e 4 de fevereiro de 2023. A presença na mostra (onde o filme integrou a Big Screen Competition) foi veiculada no *Observador* [14], no *Público* [15], *Bom Dia Europa* [16], *Rádio Vizela* [17] e *RTP* [18], a partir de uma nota da *Agência Lusa*. O conteúdo das notícias enfatiza a presença em Roterdão, focando a heteronímia expressa “nos múltiplos universos de Fernando Pessoa”. Para lá destas notícias, de caráter puramente informativo (à semelhança do já ocorrido com notas da estreia), destacamos a reportagem/crítica do *Público*, intitulada “Fernando Pessoa joga matraquilhos com os heterónimos” [14]. Roterdão, de resto, é um evento em relevo neste jornal que, em dezembro de 2022, antecipava a presença portuguesa na Holanda [19]. A 30 de janeiro de 2023, o *Público* (através do jornalista e crítico de cinema Jorge Mourinha) dá conta do filme *néo noir*, direcionando o olhar para a personagem de Ofélia, fornecendo detalhes sobre a narrativa do filme e construindo uma interpretação individual sobre o mesmo, ao estabelecer ilações entre o escritor Pessoa e o realizador: “E Pêra mergulha de tal modo a fundo na multiplicidade de Pessoa que o resultado faz jus à célebre frase ‘o poeta é um fingidor’ – e, no caso, o cineasta é um fingidor” [14]. O impacto da presença em Roterdão estendeu-se, adicionalmente, à televisão. A 8 de fevereiro de 2023, o realizador deu uma entrevista ao *Jornal 2* [20], na qual apresentou o filme como uma viagem à mente de Fernando Pessoa.

Tentemos, agora, avaliar de que forma *Não Sou Nada* foi tratado pela organização do festival e como esta abordagem se repercutiu na imprensa generalista ou especializada. Descrito, por Callum McLean, como um “um surreal *thriller* psicológico para nos perdermos” [21], o filme ecoou na *Sight and Sound* [22], *Cineuropa* [23], *The Film Verdict* [24] e *Filmuforia* [25]. O site *Cineuropa*, por exemplo, dedica uma entrevista [26] (em análise mais abaixo nesta recensão) e um artigo/crítica [27], que destaca os “paradoxos”, que impedem a “plenitude”. O jornal *Svoboda* [28] elege *The Nothingness Club* como um dos melhores de Roterdão, assinalando que “o grande escritor português Fernando Pessoa entra numa relação confusa com os seus heterónimos, figuras literárias imaginárias morrem tragicamente e uma máquina de escrever parte espetacularmente um espelho”. Os textos provenientes de um tipo de público / jornalista especializado (e, ainda para mais, supõe-se, com um maior grau de distanciamento em relação ao percurso do autor) resultam em interpretações mais ricas, como acontece com este artigo, que exprime curiosidade sobre as questões identitárias presentes em *Não Sou Nada*, bem como sobre a história do poeta

português. Já na *Sight and Sound* [29], por exemplo, é dada relevância a Fernando Pessoa (apresentando o poeta como um gigante da literatura, com diversos heterónimos), enquanto sublinha a “adaptação *noir* luminosa” de Edgar Pêra.

Estreado em Roterdão, *Não Sou Nada* passou, ainda, pelo Doc Lisboa e pelos Caminhos do Cinema Português, em Coimbra. No caso do Doc Lisboa, o realizador voltou a concorrer na secção *Riscos*, o mesmo tendo ocorrido em 2021, com *Kinorama* (2019). No site do evento, *Não Sou Nada* é apresentado reproduzindo ideias e frases da sinopse: “Um ‘cinenigma’ de Edgar Pêra, protagonizado pelo mais complexo ‘artista de palavras’ do seu tempo, Fernando Pessoa” [30]. A passagem pelo festival suscitou uma crítica do blogue de cinema *Cineblog* [31] (cujos comentários reproduzimos mais à frente neste artigo), um destaque na já referida rubrica cultural *Domínio Público* [9] e a presença do realizador (junto com a atriz Victória Guerra e o diretor do Doc Lisboa, Miguel Ribeiro) no programa de entretenimento *Alô Portugal* [32], da SIC. Também presente no festival Caminhos do Cinema Português, em Coimbra, *Não Sou Nada* teve dois momentos de divulgação, da parte da organização. Um primeiro, assinalando a apresentação do filme, com a presença do realizador [33]. Numa segunda vez, o festival anuncia (e os média acompanham a novidade) que o filme ganhou o Prémio do Público e de melhor direção artística, atribuída a Ricardo Preto. A notícia foi publicada pelo jornal *Notícias de Coimbra* [34], pelo *Observador* [35], *Filmspot* [36] e *Público/Lusa* [37].

Entrevistas

Tendo-se desdobrado em declarações e sessões de apresentação cujos conteúdos foram parcialmente integrados nas notícias dos jornais, Edgar Pêra também realizou, durante este período, diversas entrevistas. Ao contrário da informação noticiosa pura e dura, verifica-se que a entrevista acabou por funcionar como um espaço de contextualização não só do filme (as suas intenções e processo de produção), como também da obra do realizador. É o que acontece, por exemplo, com a entrevista ao site *Cineuropa* [25], na qual Edgar Pêra tem terreno para falar sobre o processo criativo do *Não Sou Nada*, alargando-se a conversa à experiência fílmica antecedente, nomeadamente, com o 3D. As entrevistas permitem, além disso, ir de encontro ao potencial público leitor, convergindo nos seus interesses e necessidades informacionais. Veja-se que, se no *Cineuropa* o enfoque está no meio cinema, já no *Jornal das Letras* [38], que publicou uma entrevista na edição de 18 a 31 de outubro de 2023, Pessoa (a sua dimensão literária) está no centro da entrevista. Tanto numa publicação como noutra, as entrevistas beneficiam do facto de serem realizadas por jornalistas que demonstram conhecer a obra de Edgar Pêra, conduzindo a conversa num sentido mais lato e de enquadramento da informação produzida. É o que sucede com a nomeação do filme *A Janela (Maryalva Mix)* (2001), que é introduzido por Edgar Pêra nas entrevistas do *JL*, do blogue *Esquerda.net* [39], do *Jornal de Notícias* [40], nalgumas

notícias de jornais e ainda no podcast *Os Cinéfilos que Ninguém Pediu* [41]. Neste último em particular, que juntou a entrevista à crítica ao filme, o realizador teve oportunidade para falar sobre outros projetos em curso (como o filme *Cartas Telepáticas*), enquanto os entrevistadores (João Torgal e Daniel Mota), estabeleceram comentários comparativos com outros trabalhos de Edgar Pêra, nomeadamente o documentário biográfico *Movimentos Perpétuos* (2006), que consistiu num tributo a Carlos Paredes. Neste âmbito das entrevistas, talvez aquela em que Edgar Pêra teve mais margem para se desviar do habitual modelo de perguntas, foi a realizada ao *Diário de Notícias* [42], a propósito do Screenings Funchal, onde o autor é presença habitual. O maior interesse desta entrevista prende-se com a alusão direta à questão da identidade, tendo partido da jornalista a iniciativa de remeter para o filme *A Janela (Mayalva Mix)* – que também passou pelo Screenings – a propósito da fragmentação do eu. A referência deu mais abertura ao entrevistado para se referir explicitamente à identidade, como uma busca centrada na multiplicidade do eu.

Pode-se concluir, deste modo, que a atenção dada a um fenómeno (particularmente, um filme sobre Fernando Pessoa) através da entrevista, provoca efeitos colaterais no discurso mediático do realizador, que dispõe do espaço concedido para se expressar, bem como à sua obra.

As críticas ao filme

Consideramos críticas ao filme as publicações explicitamente designadas como tal e os textos aprofundados, distintos das notícias no tamanho e na abordagem, mais subjetiva. Identificámos, no âmbito das críticas, uma maior preocupação em tipificar *Não Sou Nada*, inscrevendo-o no género *noir* ou *neo-noir*. Por norma, a crítica de cinema ocupa-se não apenas do efeito dos filmes sobre o espectador, mas também sobre a técnica que lhe está implícita. Por isso, não surpreende que, muitos dos comentários se dirijam a esses aspetos, questionando a estética do cinema de Edgar Pêra. Deste modo, o *Jornal Referência* [43] destaca a “paleta de cores vibrantes”, enquanto o *Cineblog* [29], do Instituto de Filosofia da Universidade Nova, regista “um cinema criador de dimensões imaginárias a partir de dimensões técnicas”. Mas, para além dos aspetos formais do filme, a relação (quase *tête-à-tête*) entre Fernando Pessoa e Edgar Pêra é o principal tema esmiuçado pela crítica. Francisco Ferreira, no *Expresso* [44], assinala que “a ideia que se quer sublinhar é a de que há, se calhar sempre houve, uma coerência entre escritor e cineasta, ‘Não Sou Nada’... tem sobre este aspeto várias cartas a pôr na mesa.”. No mesmo sentido, João Lopes (*DN* [45]) refere: “São encarnações vivas das palavras que foram escritas, ao mesmo tempo que circulam como fantasmas de uma narrativa que o poeta lançou e o cineasta transfigurou”. Manuel Halpern, na *Visão* [46], vai um pouco mais longe na analogia, descrevendo o filme como um caminho para chegar à cabeça de Fernando Pessoa, mas também de Pêra. “O objetivo inalcançável do filme é mesmo transportar-nos

para o interior da cabeça de Fernando Pessoa e encontrar uma multidão de heterónimos. Mas sabemos à partida que, quando muito, seremos transportados para a cabeça do próprio realizador”, conclui.

Outras leituras são, efetivamente, curiosas na forma como fazem coincidir um olhar externo com o percurso do realizador. Elisa Andrade Buzzo, no *Digestivo Cultural* [47] afirma que “bem ou mal, lembro do Fernando Pessoa em cenário encarnado de Almada Negreiros”. Não denunciando se esta foi uma observação condicionada pelo conhecimento prévio da obra de Edgar Pêra, certo é que a autora fixou na crítica publicada uma similitude coincidente com os interesses intelectuais do realizador. É preciso não esquecer que Pêra é autor de *SWK4* (1993), um documentário sobre Almada Negreiros, algo, aliás, que é recordado por Francisco Ferreira, na crítica já citada no *Expresso* [48]. Analisando as críticas publicadas, descobrem-se outras afinidades. Catarina Gerardo descreve a “embriaguez alucinogénia” (*Cineblog* [49]). Em contrapartida, Jorge Mourinha, enuncia “o sistema de filtros psicotrópicos de Pêra” [50]. Ambos os textos encaminham *The Nothingness Club* para o domínio do filme que toma conta da mente do espectador, como se de uma droga de tratasse. “Psicadélico” e “psicotrópico” foram adjetivos também usados pela dupla Torgal / Mota [39]. O que emenda, de certo modo, com o tópico da loucura que Eurico de Barros (*Time Out* [51]) considera excessivo, no filme: “Pêra dá demasiado tempo de antena ao tema da loucura associada a Pessoa, com sequências a mais, e muito prolongadas, no hospício”. Por sua vez, Sebastião Maia (*Jornal Referência* [52]) entende que o filme “catapulta o espectador para a loucura da mente de um homem”.

Uma leitura da colisão

Identificámos, na leitura do material selecionado, cinco questões principais: o filme como uma incursão na mente de Fernando Pessoa; a relação, indiciada através de *Não Sou Nada*, entre Pessoa e Pêra; o efeito psicadélico do filme; o tema da loucura; o modo como o cinema é perspetivado a partir de *Não Sou Nada*.

Cabe, no âmbito desta recensão e antes mesmo de avaliarmos teoricamente as sugestões deixadas por esta recolha, inserir uma constatação. Refiro-me a uma espécie de fenómeno de *inbreeding* encontrado em parte das publicações selecionadas. Esta clonagem pode verificar-se por via do conteúdo (veja-se a crítica de João Lopes no *DN* [43], que foi também publicada no blogue *Sound Vision* [47]) ou da autoria. Voltando a João Lopes, além da crítica, o jornalista assina uma entrevista a Edgar Pêra, no *DN* [48]. Da mesma forma, Rodrigo Fonseca publica duas entrevistas ao realizador, uma no *Correio da Manhã* [49] e outro no site *C7nema* [50]. Já Eurico de Barros assina três críticas, uma no *Observador* [51] e outra na *Time Out* [46] e *O Jornal Económico* [52]. Quanto a Paulo Portugal, escreve uma crítica para o site *Insider Film* [51] e faz uma entrevista (já referida) para o blogue *Esquerda.net* [37]. Por fim, Manuel Halpern publica a já nomeada entrevista no *Jornal de Letras* [36] e assina uma crítica

na *Visão* [53]. A menção fica registada neste artigo, como um valor referencial, que nos faz lembrar que as publicações dos média não são só condicionadas por critérios editoriais. Quando se analisa, como é o caso, um universo temporal e temático, é possível detetar que dimensões como o contexto restrito dos profissionais do jornalismo no país, ainda mais numa crítica a uma forma artística específica como é o cinema, redundam, por vezes, num falso fenómeno de pulverização da receção.

Tratando-se esta de uma recolha sobre a receção ao filme *Não Sou Nada* nos média e derivados, privilegiámos uma abordagem que assenta na construção do valor social do mesmo. Significando isto que tencionámos inscrever *Não Sou Nada* como um espaço de (re)simbolização, colisão e disputa. Sendo um produto que resulta de um investimento financeiro considerável – o projeto foi aprovado pelo Instituto de Cinema e Audiovisual em 2014, com uma verba de 30.000 euros (ICA, 2014) –, quer na fase de produção e realização quer no momento da distribuição, será interessante pensar no filme como uma brecha, criada porque todas as condições de possibilidade se juntaram para a concretização do conceito de “affordance”. Uma convergência, em suma, de “modos de ser e de fazer” (DENORA, 2003: 170), em que a experiência individual e social se encontram. Não está aqui tanto em causa o valor intrínseco de uma obra, mas antes o valor social que esta conquista.

Deste modo, colocámo-nos no terreno da Sociologia da Arte, no entendimento de que dela fazem GUERRA e FIGUEIREDO (2023). Isto é, não procuramos na obra de arte o seu valor dado e exclusivamente o seu conseqüente reconhecimento social, mas antes os processos identitários, simbólicos e de ressignificação que esta instiga. Estamos a falar, pois, de embate e não tanto de consenso. Neste sentido, as obras (como os média) são fontes de mediação, através dos quais estes processos de disputa (de comunicação) se jogam, revitalizando a comunidade e forçando a existência de fissuras grupais.

Em outubro de 2023, a Mostra de Valência dedicou uma retrospectiva à obra de Edgar Pêra [54]. Para lá do ciclo que caracteriza eventos deste género (uma amplificação de um trajeto no momento preciso em que o festival decorreu, para se desvanecer nos meses subsequentes), será talvez proveitoso realizar um exercício de análise posterior, já distante do clímax que estas iniciativas sempre suscitam. Num texto retrospectivo publicado na revista *Caiman* [55], Fran Benavente y Glòria Salvadó Corretger sinalizam o cinema de Edgar Pêra como *underground*. Colada com a contracultura, a arte de Pêra constituirá “outro modo de pensar, entender, perceber e sentir a realidade”. *Não Sou Nada* foi, inevitavelmente, motivo de análise neste texto, que (à semelhança de outras críticas aqui referidas) estende o imaginário pessoano a um sentir pereano. Um modo de ver e fazer que será ensaístico na criação artística. Seguindo nesta ordem de ideias, tudo se encaminha para confirmar a tese da obra como colisão, dado que, no entender dos autores, Pêra se mantém como um criador contra-corrente, ao mesmo que (acrescentamos nós) apresenta comercialmente um filme cuja divulgação aposta no alargamento de públicos. Mas antes de

assentirmos apressadamente numa conclusão tão óbvia, ponhamos outras premissas em cima da mesa. *Não Sou Nada* será, no conjunto do percurso de Edgar Pêra, um filme mais alinhado e, por isso, mais propício ao reconhecimento social? Ou, pelo contrário, a crítica estaria mais recetiva a um filme com estas características?

A reflexão anterior leva-nos a introduzir as estatísticas oficiais de receção de *Não Sou Nada*, esclarecendo outro dos objetivos apresentados. Reportamo-nos aos dados divulgados pelo Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA), registando que, até ao final de dezembro de 2023, *Não Sou Nada* foi exibido em 38 salas (ICA, 2023a). As estatísticas publicadas pelo ICA demonstram que o filme percorreu diversas zonas geográficas, incluindo Setúbal, Penafiel, Viseu, Montemor-O-Novo, Seia, Oliveira do Bairro ou Coimbra, tendo ocorrido (pela informação colhida nos média) nove sessões especiais de apresentação com o realizador, que foram desde o Porto, a Santo Tirso, ao Algarve, passando pelo Funchal. Em 2023, *The Nothingness Club* foi visto por 7.254 espectadores, que se dividiram por 435 sessões (ICA, 2023a). Comparativamente a outros filmes do realizador, excetuando o êxito comercial *Virados do Avesso* (2014) – que chegou aos 106.736 espectadores –, esta foi, até agora, a obra mais vista de Edgar Pêra. Uma nota adicional para os dados de *A Janela (Maryalva Mix)*, reveladores de algumas incongruências, já que os números disponibilizados no ICA (2023a), referem uma exibição, com 40 espectadores, enquanto que CAMPOS (2022), baseado na mesma fonte, indica 9900 espectadores, sem referir número de exibições ou explicitamente remeter para a origem dos dados. Sublinhe-se que, no universo da produção nacional, *The Nothingness Club* ocupa o oitavo lugar do ranking 2023 (ICA, 2023b). Nestes dados, não entram os números dos festivais internacionais de cinema, dos cineclubes, nem as exibições posteriores a 2023.

Interligando o impacto mediático de *Não Sou Nada* com os números da receção disponíveis até ao momento, facilmente depreendemos que estamos, sem dúvida, perante uma confluência de fatores: investimento financeiro, investimento criativo e pessoal (a presença de Pessoa em Pêra radica nos anos de formação entre o fim da adolescência e o início da idade adulta), investimento de marketing e divulgação e receção positiva na esfera pública.

Conclusão

Propusemo-nos, neste artigo, analisar o impacto mediático do filme *Não Sou Nada*, num limite temporal que antecedeu as rodagens (2020) e se estendeu até janeiro de 2024. Neste trabalho, desviamo-nos da tentação de julgar *The Nothingness Club* em si mesmo, enquanto objeto estético, para nos centrarmos nas representações mediáticas do mesmo. Nesse sentido, concluímos que, genericamente, as notícias repetem as temáticas relativas ao género (*thriller*, *neo-noir*), à biografia (cabeça de Pessoa), ao cinenigma (enigma na forma de filme) e à personalidade (heteronimismo e multiplicidade do ser).

A análise foi surpreendida por alguns aspetos, que é relevante indicar. Desde logo, a reprodução inquestionada de textos inteiros (via agência noticiosa ou comunicados de imprensa), disfarçada, a mais das vezes, por elos estilísticos cuja finalidade será fugir da estrita informação noticiosa, tentando uma via mais apelativa e expressiva de um certo sentido crítico. De resto, não só identificámos, em quase todas as notícias da estreia, uma cópia zelosa de comunicados de imprensa, como, em alguns casos, foi disseminada (e repetidamente reafirmada) a informação errónea de que Paulo Furtado (Legendary Tyger Man, Oswald Kent no filme) seria o autor da banda sonora, que, na realidade, coube a Jorge Prendas e Artur Cyaneto, com montagem de som e misturas de Pedro Góis. Para além disto, a já citada endogamia da crítica de cinema no país foi outro dos pontos que se manifestou na análise.

Tanto uma como outra evidência levou-nos a refletir sobre a importância dos média como uma voz dialogante, não necessariamente consonante. Num cenário pouco curioso acerca do que, na comunidade, se faz e de como se faz, que território resta para a diversidade e a rutura? E o que é que estes contextos deixam transparecer sobre a possibilidade de atualização cíclica das comunidades imaginadas de ANDERSON ([1983] 2016), bem como sobre a emergência de contra-culturas? Será a cobertura mediática dispensável a essas correntes marginais? Ou apenas o que aparece mediaticamente existe? Que papel jogam os agentes culturais na formação de públicos e qual a dimensão dos média (excluindo redes sociais, que não foram aqui levadas em conta) na cadeia de promoção, divulgação e criação de um fenómeno? Se é de disputa que estamos a falar (e não de hábito, legitimação ou reconhecimento), é expectável que este embate se processe por aglutinação ou por auto-exclusão? As perguntas surgem em catadupa, estimuladas pelos dados recolhidos e a análise realizada. Mesmo que sobre elas não repousem teorias suficientemente esclarecedoras ou respostas de sentido único, será bom que não fujam da linha do nosso horizonte teórico e observacional. A este propósito, valerá a pena remeter para a argumentação de Américo Santos, da Nitrato Filmes e Cinema Trindade (Porto). Em declarações ao *Público*, este agente cultural lembra que o investimento na programação atual terá efeitos, previsivelmente, no futuro já que, se de momento o público é ainda muito conservador, a insistência num modelo de programação poderá ter resultados a longo prazo: “Daqui a dez anos, os distribuidores poderão apostar em filmes arriscados” [55]. O promotor valoriza a dimensão social do cinema (da cultura, em sentido lato), que é, justamente, o que há a relevar na troca dialogante entre média, consumidores, artistas e outros agentes culturais. “Vejo, o que há muito não via, pessoas a falarem sobre os filmes no átrio do cinema com velhos amigos que reencontraram”, assinala Américo Santos. [56]

Dando continuidade à análise, nomeadamente, na identificação de conceitos para qualificar *Não Sou Nada*, vimos que os mesmos ressoam à ideia principal transmitida pelas estratégias de divulgação do filme ou surgem de tentativas de categorizar, quer do produto final, quer do seu autor. A sinalização destes tópicos

encaminha-nos no sentido das representações identitárias que lhes estão subjacentes, uma vez que: o género (sobretudo as apreciações ao *neo-noir*, que constam tanto da crítica nacional como internacional) tem a função de tentar encaixar o realizador numa classificação estética; a explicação do que Pessoa terá sido (por via do filme, incluindo a loucura, a mente tortuosa e torturada, a imaginação delirante) surge, na maioria das vezes, como um canal para também perceber a mente de Edgar Pêra; o cinema é encarado, na avaliação crítica ao filme, como uma personagem implícita e simultânea à poesia e à prosa pessoanas e, por fim, os desvios de personalidade atribuídos a Fernando Pessoa fazem ricochete para o espectador (crítico) suscitando uma reflexão sobre o heteronimismo, que dificilmente caberia fora do contexto de uma obra de arte. Um pouco surpreendentemente, as críticas ao filme parecem fazer tábua rasa de possíveis pré-definições acerca de Fernando Pessoa, para embarcar na aventura heteronímica proposta em *Não Sou Nada*. Será isto suficiente para transmutar os pré-conceitos acerca da obra pessoana? Será, sequer, aceitável pedir-se a uma obra que tenha esta função pedagógica? A recolha realizada permite concluir que a interpretação de Fernando Pessoa por Edgar Pêra se sobrepõe a qualquer tipo de generalização acerca da vida e obra do poeta, pelo que esta perspectiva quase não é questionada ou sujeita a validação. Jorge Mourinha, no *Público*, comenta que o filme é “profundamente respeitador da obra pessoana, mesmo quando a trai abertamente” [15]. Quisemos, igualmente, indagar se há comparações entre *Não Sou Nada* e outros filmes do realizador. A resposta é afirmativa e surge por diferentes vias. Por vezes, as experiências fílmicas passadas são explicitamente referidas pelos críticos ou jornalistas, noutras situações, estas relações são introduzidas pelo próprio autor. Finalmente, considerámos relevante compreender se as críticas se dirigem mais à técnica ou preferencialmente à narrativa, sendo que não há uma resposta exclusiva para esta demanda. Se é certo que há atributos técnicos (como a luz, a cor, a banda sonora) que são focados, genericamente, nos textos analisados, também é verdade que a narrativa (isto é, o enquadramento da ficção, desde a existência de um clube em forma de editora, até ao hospício e o papel de elementos narrativos mais fortes, como a figura de Ofélia e Álvaro de Campos) contrabalança com esta apreciação técnica. O que é sintomático é a forma como *Não Sou Nada* é dissecado como um todo, que abriga a complexidade de um poeta, se pressupõe como um espelho do seu autor e se embrulha numa peculiar estética imbuída de minucioso trabalho técnico.

Não dispondo, de momento, de dados que permitam compreender o efeito de longo prazo de *Não Sou Nada* na esfera pública (só pela futurologia podemos conjecturar o que irá acontecer a este objeto artístico), podemos, isso sim, refletir sobre a ação do artista (e da obra) como um produto coletivo que, por vezes, rompe na comunidade, criando (pelo diálogo que estimula) novos processos simbólicos. Em abril, *Não Sou Nada* teve 15 nomeações para os Prémios Sophia 2024, da Academia Portuguesa de Cinema (“Nomeados Prémios Sophia 2024”, s.d.). O anúncio colocou

o filme na liderança das nomeações, reforçando a ideia de completude da obra, já que estas abarcam as distintas peças que o constituem: melhor realização, melhor argumento original, melhor montagem ou melhor direção de arte, melhor banda sonora, entre outras. As nomeações, independentemente do resultado, sinalizam *Não Sou Nada* como um produto que, diferentemente de outros filmes do autor, conquista um espaço nos meios mais institucionalizados. Não sabemos, por enquanto, o que isso significa no jogo das forças de poder que caracterizam a sociedade e a indústria cultural. Nem é intenção deste artigo apurar se se trata de maior adequação ou mainstream ou, inversamente, uma absorção deste pelos produtos ‘alternativos’.

No sistema sócio-cultural descrito, os média prestam-se a serem uma voz a mais, uma voz com um lugar de fala privilegiado, sem dúvida. Em vez de tentarmos supor o poder que se julga que têm, talvez seja interessante encará-los como um interlocutor, entre outros na sociedade, que ajuda a construir novas realidades e não apenas a representá-las. Seguindo esta ordem de ideias, outros agentes poderiam ser considerados na avaliação da recepção de *Não Sou Nada*. Por exemplo, os comentários do público que participou nas sessões com o realizador, nas apresentações nos festivais de cinema ou nas sessões direcionadas para o público escolar. Em resumo, podemos concluir que a consistência do trabalho de divulgação materializa-se, fundamentalmente, no impacto mediático deste filme, embora outros estudos comparativos (e uma maior distância temporal) sejam necessários para extrapolar no sentido de perceber que lugar este ocupa no universo cinematográfico nacional e na carreira artística de Edgar Pêra.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict ([1983] 2016). *Imagined Communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.
- CAMPOS, Luís (2022). *O Passado e o Presente de uma Cinematografia Resistente – Tríptico sobre o fatalismo do cinema português*. Tese de doutoramento. Universidade da Beira Interior Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.6/12586>
- DE NORA, Tia (2003). “Music Sociology: getting the music into the action”. *British Journal of Music Education*, vol. 20, n.º 2, pp. 165-177. <https://doi.org/10.1017/S0265051703005369>
- GUERRA, Paula; FIGUEIREDO, Henrique Grimaldi (2023). [Dossiê] “Novos ventos nas artes e na cultura. A constante procura por métodos e contra-métodos de pesquisa em ciências sociais”. *Teoria e Cultura*, vol. 18, n.º 2, UFJF. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1727>
- ICA (2014). Escrita e desenvolvimento de cinema – candidaturas admitidas e apoiadas. https://ica-ip.pt/pt/downloads/candidaturas-admitidas-e-apoiadas/?search=1&cat=0&id_ano=2014&id=296&p=2
- ____ (2023a). *Exibidos e Estreados*. <https://www.ica-ip.pt/pt/downloads/exibicao-e-distribuicao/>
- ____ (2023b). *Ranking Estreias Nacionais*. <https://ica-ip.pt/pt/downloads/boxoffice/arquivo-box-office/>
- NOMEADOS PRÉMIOS SOPHIA 2024 (s. d.). *Academia Portuguesa de Cinema*. Obtido: 15 de abril de 2024, de <https://www.academiadecinema.pt/premios-sophia/nomeados-2024/>

Lista de média citados

- [1] “Depois de Surdina, o Bando já prepara novo filme” (2020, julho, 28). *FreePassGuimarães*. <https://www.fpguimaraes.pt/depois-de-surdina-o-bando-ja-prepara-novo-filme/>
- [2] “Edgar Pêra roda *Não Sou Nada* em Santo Tirso” (2020, julho, 27). *Vila Nova*. <https://vilanovaonline.pt/2020/07/27/cinema-edgar-pera-roda-nao-sou-nada-em-santo-tirso/>
- [3] RESENDE, Tiago (2020, julho, 27). “*Não Sou Nada*, de Edgar Pêra, inicia filmagens em agosto”. *Cinema Sétima Arte*. <https://www.cinema7arte.com/nao-sou-nada-de-edgar-pera-inicia-filmagens-em-agosto/>
- [4] PINTO, João (2020, julho, 29). “Baseado nos contos de Fernando Pessoa, *Não Sou Nada* é o novo filme de Edgar Pêra que começa já em agosto a ser gravado em Santo Tirso”. *Portal Cinema*. <https://www.portal-cinema.com/2020/07/baseado-nos-contos-de-fernando-pessoa.html>
- [5] “Leiria, Alcobaça e Caldas da Rainha recebem estreia de ‘cinenigma’ de Edgar Pêra sobre Pessoa” (2023, outubro, 25). *Região de Leiria*. <https://www.regiaodeleiria.pt/2023/10/leiria-e-caldas-da-rainha-recebem-estrela-de-cinenigma-de-edgar-pera-sobre-pessoa/>
- [6] GEADA, Hugo (2023, outubro, 26). “*Não Sou Nada*: já estreou o filme português sobre Fernando Pessoa e os seus heterónimos”. *NiT*. <https://www.nit.pt/cultura/cinema/nao-sou-nada-fernando-pessoa-e-os-seus-heteronimos-regressaram-ao-grande-ecra>
- [7] ANTUNES, João (2023, outubro, 26). “Edgar Pêra leva-nos a uma visita guiada ao interior da mente de Fernando Pessoa”. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/7747015876/edgar-pera-leva-nos-a-uma-visita-guiada-ao-interior-da-mente-de-fernando-pessoa/>
- [8] “Fernando Pessoa passeia pela Baixa de Lisboa no dia de estreia de *Não Sou Nada*” (2023, outubro, 24). *Sapo viagens*. <https://viagens.sapo.pt/viajar/noticias-viajar/artigos/fernando-pessoa-passeia-pela-baixa-de-lisboa-no-dia-de-estrela-de-nao-sou-nada>
- [9] “DocLisboa, Edgar Pêra, Manel Cruz” (2023, outubro, 25). *Domínio Público – Diários*. Antena 3. <https://www.rtp.pt/play/p2813/e723933/dominio-publico-diarioros>
- [10] “Filme de Edgar Pêra sobre Fernando Pessoa nos cinemas em outubro” (2023, junho, 13). *Sic Notícias*. <https://sicnoticias.pt/cultura/2023-06-13-Filme-de-Edgar-Pera-sobre-Fernando-Pessoa-nos-cinemas-em-outubro-bcd0377d>

- [11] “Edgar Pêra filmou Fernando Pessoa na bolha criativa da ‘Rio Vizela’” (2023, novembro, 9). *Entre Margens*. <https://jornalentremargens.com/2023/11/09/destaque-edgar-pera-filmou-fernando-pessoa-na-bolha-criativa-da-rio-vizela/>
- [12] “Centro Cultural de Vila das Aves exhibe novo filme de Edgar Pêra” (2023, outubro, 25). *Câmara Municipal de Santo Tirso*. <https://www.cm-stirso.pt/conhecer/noticias/noticia/centro-cultural-de-vila-das-aves-exibe-novo-filme-de-edgar-pera>
- [13] “Centro Cultural de Vila das Aves exhibe novo filme de Edgar Pêra” (2023, outubro, 25). *Santo Tirso TV*. <https://www.santo-tirso.tv/artigo/1/12936/centro-cultural-de-vila-das-aves-exibe-novo-filme-de-edgar-pera/>
- [14] “Edgar Pêra imagina os múltiplos universos de Fernando Pessoa no filme *Não Sou Nada*” (2023, janeiro, 28). *Observador*. <https://observador.pt/2023/01/28/edgar-pera-imagina-os-multiplos-universos-de-fernando-pessoa-no-filme-nao-sou-nada/>
- [15] MOURINHA, Jorge (2023, janeiro, 30). “Fernando Pessoa joga matraquilhos com os heterónimos”. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/01/30/culturaipilon/noticia/fernando-pessoa-joga-matraquilhos-heteronimos-2036926>
- [16] “Festival de cinema de Roterdão vai descobrir Fernando Pessoa” (2023, janeiro, 29). *Bom dia Europa*. <https://bomdia.eu/festival-de-cinema-de-roterdao-vai-descobrir-fernando-pessoa/>
- [17] FERNANDES, Ângela (2023, janeiro, 30). “Filme gravado na Fábrica do Rio Vizela estreia amanhã”. *Rádio Vizela*. <https://www.radiovizela.pt/noticia-filme-gravado-na-fabrica-do-rio-vizela-estreia-amanha>
- [18] LUSA (2023, janeiro, 31). “*Não Sou Nada – The Nothingness Club* estreia em Roterdão”. *RTP*. https://www.rtp.pt/noticias/cultura/nao-sou-nada-the-nothingness-club-estreia-em-roterdao_n1463883
- [19] MOURINHA, Jorge (2022, dezembro, 19). “Edgar Pêra, Alexander David, Mónica Lima e André Gil Mata em estreia no Festival de Roterdão [51.ª edição do festival de cinema]”. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/12/19/culturaipilon/noticia/monica-lima-andre-gil-mata-edgar-pera-estreia-festival-roterdao-2031989>
- [20] *Jornal 2* (2023, fevereiro, 8). *RTP*. <https://www.rtp.pt/play/p11236/e671386/jornal-2>
- [21] MCLEAN, Callum (s.d.). “*Não Sou Nada – The Nothingness Club*”. *IFFR* [Rotterdam International Film Festival, 2023]. <https://iffr.com/en/iffr/2023/films/n%C3%A3o-sou-nada-%E2%80%93-the-nothingness-club>
- [22] NICHOLSON, Ben (2023, fevereiro, 2). “*Não Sou Nada – The Nothingness Club*: a lurid vision of Fernando Pessoa’s inner life”. *Sight and Sound*. British Film Institute. <https://www.bfi.org.uk/sight-and-sound/reviews/nao-sou-nada-nothingness-club-lurid-vision-fernando-pessoas-inner-lives>
- [23] VIEIRA, Teresa (2023, fevereiro, 8). “Review: *The Nothingness Club – Não Sou Nada*”. *Cineuropa*. <https://cineuropa.org/en/newsdetail/438042/>
- [24] GRAY, Carmen (2023, janeiro, 31). “*Não Sou Nada – The Nothingness Club*”. *Film Verdict*. <https://thefilmverdict.com/nao-sou-nada-the-nothingness-club/>
- [25] TAYLOR, Meredith (2023, janeiro, 31). “*The Nothingness Club* (2023). Rotterdam Film Festival 2023”. *Filmuforia*. <https://filmuforia.com/the-nothingness-club-2023-rotterdam-film-festival-2023/>
- [26] VENA, Teresa (2023, fevereiro, 03). “Edgar Pêra: director of *The Nothingness Club*”. *Cineuropa*. <https://cineuropa.org/en/interview/437793/>
- [27] VOLЧЕК, Dmitry (2023, fevereiro, 6). “Отражения в зеркальном горшке [Reflections on a mirror pot]”. *Svoboda*. <https://www.svoboda.org/a/otrazheniya-v-zerkaljnom-gorshke-luchshie-filjmy-iz-rotterdama/32256530.html>
- [28] “*Não Sou Nada – The Nothingness Club*”. (2023) *DocLisboa*. <https://doclisboa.org/2023/filmes/nao-sou-nada-the-nothingness-club/>
- [29] GERARDO, Catarina (2023, outubro, 29). “DocLisboa: *The Nothingness Club–Não Sou Nada* (2023)”. *Cineblog*. <https://cineblogifilnova.fcsh.unl.pt/doclisboa-the-nothingness-club-nao-sou-nada-2023/>

- [30] SIC (2023, outubro, 17). *Alô Portugal*. <https://sic.pt/programas/aloportugal/alo-portugal-17-de-outubro-programa-completo-festival-de-filmes/>
- [31] “Edgar Pêra apresenta *Não Sou Nada* na Casa do Cinema de Coimbra. (2023, outubro, 10). *Caminhos do Cinema Português*. <https://www.caminhos.info/2023/10/edgar-pera-apresenta-nao-sou-nada-na-casa-do-cinema-de-coimbra/>
- [32] “Coimbra: E o Grande Prémio do Festival Caminhos do Cinema Português vai para...” (2023, novembro, 18). *Notícias de Coimbra*. <https://www.noticiasdecoimbra.pt/coimbra-e-o-grande-premio-do-festival-caminhos-do-cinema-portugues-vai-para/>
- [33] LUSA (2023, novembro, 19). “‘Cidade Rabat’ vence Grande Prémio do Festival Caminhos do Cinema Português. *Observador*. <https://observador.pt/2023/11/19/cidade-rabat-vence-grande-premio-do-festival-caminhos-do-cinema-portugues/>
- [34] “Grande Prémio do Festival Caminhos do Cinema Português para *Cidade Rabat* de Susana Nobre” (2023, novembro, 19). *Filmspot*. <https://filmspot.pt/artigo/grande-premio-do-festival-caminhos-do-cinema-portugues-para-cidade-rabat-de-susana-nobre-14129/>
- [35] LUSA (2023, novembro, 19). “Cidade Rabat recebe o Grande Prémio no Festival Caminhos do Cinema Português”. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/11/19/culturaipilon/noticia/cidade-rabat-recebe-premio-festival-caminhos-cinema-portugues-2070754>
- [36] HALPERN, Manuel (2023). “Edgar Pêra: Pessoa contra Pessoa”. *Jornal de Letras*, Ano XLIII, n.º 1384, 18 a 31 de outubro, p. 22.
- [37] PORTUGAL, Paulo (2023, novembro, 4). “Edgar Pêra: ‘Não há um algoritmo para fazer cinema’”. *Esquerda.net*. <https://www.esquerda.net/artigo/edgar-pera-nao-ha-um-algoritmo-para-fazer-cinema/88312>
- [38] ANTUNES, João (2023, outubro, 28). “Edgar Pêra: ‘Pessoa é um mito, conhecido é Ronaldo’”. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/2876092357/edgar-pera-pessoa-e-um-mito-conhecido-e-o-ronaldo/>
- [39] TORRAL, João; MOTA, Daniel (2023, novembro, 1). “Especial *Nothingness Club* – *Não Sou Nada* (com Edgar Pêra)”. *Os Cinéfilos que Ninguém Pediu*. [https://castbox.fm/episode/ESPECIAL-Nothingness-Club--N%C3%A3o-Sou-Nada-\(com-Edgar-P%C3%A3o\)-id4622502-id645067883](https://castbox.fm/episode/ESPECIAL-Nothingness-Club--N%C3%A3o-Sou-Nada-(com-Edgar-P%C3%A3o)-id4622502-id645067883)
- [40] GONÇALVES, Sandra S. (2023, dezembro, 16). “Paixão [por F. Pessoa] surgiu na adolescência”. *Diário de Notícias*, Madeira, p. 27.
- [41] MAIA, Sebastião (2023, dezembro, 22). “Em tela: ‘Não sei quantas almas tenho’ (*The Nothingness Club* – *Não Sou Nada*)”. *Jornal Referência*. <https://jornalreferencia.pt/blog/2023/12/22/em-tela-nao-sei-quantas-almas-tenho-the-nothingness-club-nao-sou-nada/>
- [42] FERREIRA, Francisco (2023, outubro, 20). “Fernando Pessoa em Caleidoscópio”. *Expresso*. <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2660/html/revista-e/culturas/cinema/fernando-pessoa-em-caleidoscopio>
- [43] LOPES, João (2023, outubro, 25). “Viver, sentir e pensar”. *Diário de Notícias*. Lisboa. <https://www.pressreader.com/portugal/diario-de-noticias/20231025/281878713056603>
- [44] HALPERN, Manuel (2023, outubro, 28). “*Não Sou Nada* de Edgar Pêra: a celebração de Fernando Pessoa em forma de filme”. *Visão*. <https://visao.pt/visaose7e/ver/2023-10-28-nao-sou-nada-de-edgar-pera-a-celebracao-de-fernando-pessoa-em-forma-de-filme/>
- [45] BUZZO, Elisa Andrade (2023, novembro, 16 [Lisboa]). “*The Nothingness Club* e a mente noir de um poeta”. *Digestivo Cultural*. Publicação de referência em cultura na internet brasileira. <https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4782&titulo=The Nothingness Club e a mente noir de um poeta>
- [46] BARROS, Eurico de (2023, outubro, 25). “*Não Sou Nada* – *The Nothingness Club*”. *Time Out*. <https://www.timeout.com/pt/filmes/nao-sou-nada-the-nothingness-club-2023>
- [47] LOPES, João. (2023, outubro, 26). “*Não Sou Nada* ou viver, sentir e pensar”. *Sound Vision*. <https://sound-vision.blogspot.com/search?q=não+sou+nada>

- [48] LOPES, João (2023, outubro, 24). “Edgar Pêra: ‘No meu filme, Fernando Pessoa até ganhou o Nobel’”. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/cultura/edgar-pera-no-meu-filme-fernando-pessoa-ate-ganhou-um-nobel-17223660.html>
- [49] FONSECA, Rodrigo (2023, outubro, 26). Edgar Pêra: “A poesia consiste, sobretudo, em falar de uma coisa [...]”. *Correio da Manhã*. <https://correiodamanha.com.br/cultura/cinema/2023/10/100486-edgard-pera-a-poesia-consiste-sobretudo-em-falar-de-uma-coisa-sem-a-nomear.html>
- [50] FONSECA, Rodrigo (2023, outubro, 25). “Precisamos de ideias ‘out of the box-office’ em Portugal”, diz Edgar Pêra. *C7nema*. <https://c7nema.net/entrevistas/item/123332-precisamos-de-ideias-out-of-the-box-office-portugal-diz-edgar-pera.html>
- [51] BARROS, Eurico de (2023, outubro, 26). “Cinco filmes para ver esta semana”. *Observador*. <https://observador.pt/2023/10/26/cinco-filmes-para-ver-esta-semana-3/>
- [52] BARROS, Eurico de (2023, outubro, 29). “Fernando em Pessoas”. *O Jornal Económico*. <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/fernando-em-pessoas/>
- [53] PORTUGAL, Paulo (2023, outubro, 27). “Dentro do ‘cinenigma’ de Fernando Pessoa”. *Insider Film*. <https://insider.pt/2023/10/27/the-nothingness-club-nao-sou-nada/>
- [54] “Focus: Edgar Pêra” (2023). *Mostra de València – Cinema del Mediterrani*. Ajuntament de València. <https://lamostradevalencia.com/en/edition-2023/focus-2023/>
- [55] BENAVENTE, Fran; SALVADÓ CORRETGER, Glória (2023). “Edgar Pêra, Kino Sapiens”. *Caiman*, n.º 181, Mostra de Valencia, pp. 101-103.
- [56] CÂMARA, Vasco (2024, fevereiro, 5). “Cinema Trindade: no caminho do novo público da próxima década”. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/02/05/culturaipilon/noticia/cinema-trindade-caminho-novo-publico-proxima-decada-2078740>

Filmografia de Edgar Pêra

- (2023). *Não Sou Nada*. Bando À Parte. <https://www.youtube.com/watch?v=LuO4umRiQ>
- (2019). *Kinorama*. Bando À Parte. <https://www.youtube.com/watch?v=KFVUYnxI5SY>
- (2014). *Virados do Avesso*. Cinemate. <https://www.youtube.com/watch?v=g0eySTgwa8U>
- (2006). *Movimentos Perpétuos – Cine-Tributo a Carlos Paredes*. <https://www.youtube.com/watch?v=MdZoizp2sSI>
- (2001). *A Janela (Maryalva Mix)*. Paulo Branco. <https://www.youtube.com/watch?v=w8W0XIdMo40>
- (1993). *SWK4*. Companhia dos Filmes do Príncipe Real. <https://www.youtube.com/watch?v=1JH1BFVHOu8>

TERESA LIMA integra o grupo de investigadores doutorandos do CECS/UMinho, estando a realizar o Doutoramento em Ciências da Comunicação. Com uma Licenciatura em Comunicação Social pela Universidade do Minho, fez uma incursão pelo jornalismo (*Público*) e obteve o Diploma em Estudos Avançados em História Contemporânea, na Universidade de Santiago de Compostela. Profissionalmente, tem exercido atividade nas Ciências da Informação. Atualmente, estuda a relação entre biografia, discurso e comunicação, partindo da história de vida do realizador Edgar Pêra. Integra, igualmente, o grupo de investigadores da Passeio – Plataforma de Arte e Cultura Urbana (www.passeio.pt), do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da UMinho.

TERESA LIMA is a member of the group of doctoral researchers at CECS/UMinho, currently studying for her PhD in Communication Sciences. She has a degree in Social Communication from the University of Minho, a career in journalism (*Público*) and a Diploma in Advanced Studies in Contemporary History from the University of Santiago de Compostela. Professionally, she has worked in the Information Sciences. She is currently studying the relationship between biography, discourse, and communication, based on the life story of film director Edgar Pêra. She is also a member of the Passeio – Plataforma de Arte e Cultura Urbana (www.passeio.pt) group of researchers at UMinho's Centre for Communication and Society Studies (CECS).